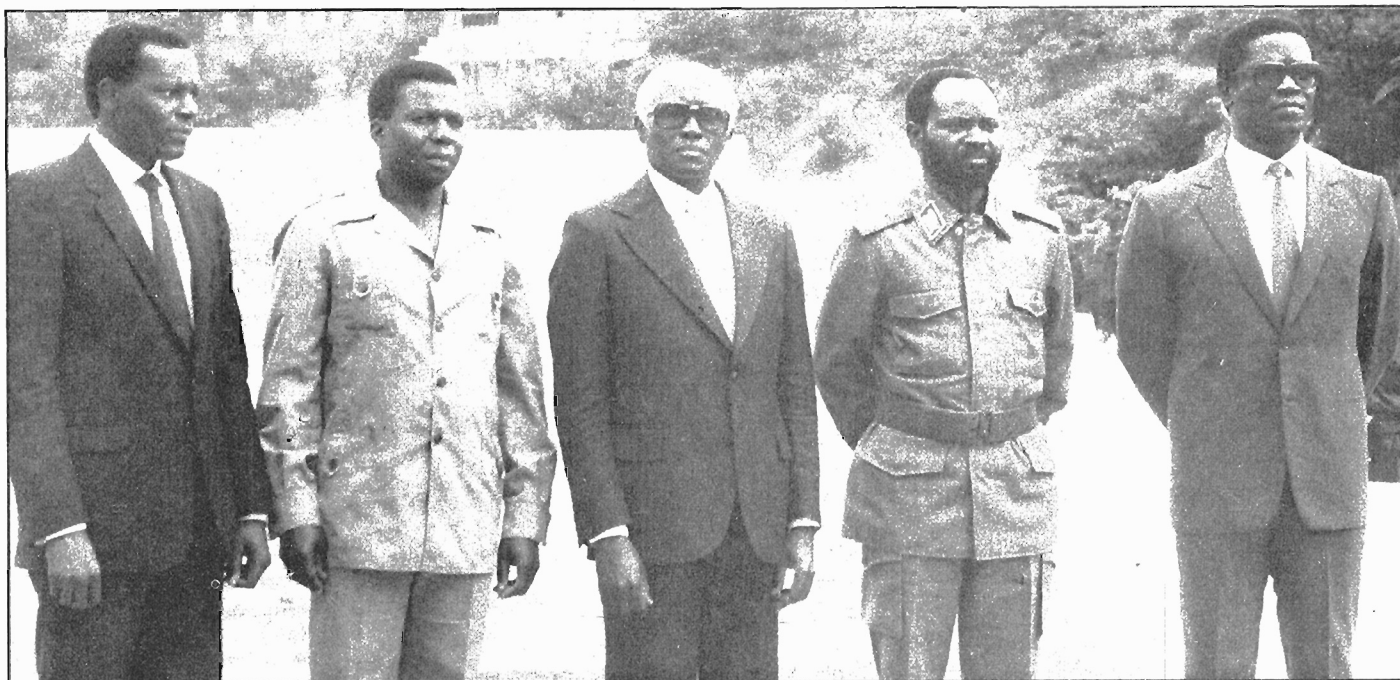




CIMEIRA DA PRAIA

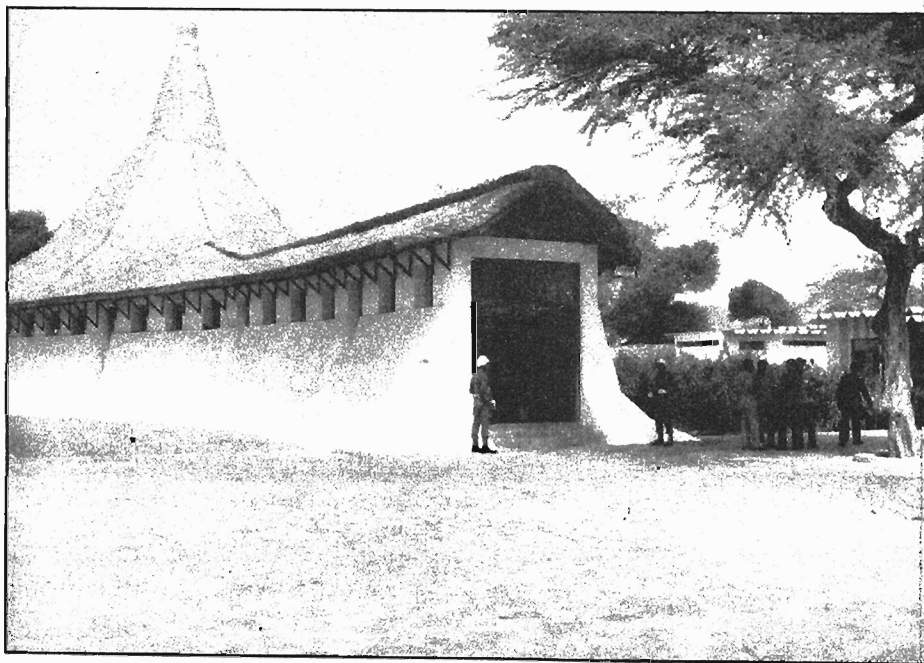


Da esquerda para a direita: José Eduardo dos Santos (Angola), João Bernardo Vieira (Guiné-Bissau), Aristides Pereira (Cabo Verde), Samora Machel (Moçambique) e Manuel Pinto da Costa (São Tomé e Príncipe)

CIMENTO DA UNIDADE

• Enorme identidade de pontos de vista

Pelos nossos enviados especiais
SOL CARVALHO (texto)
NAÍTA USSENE (fotos)



O edifício, situado no Parque 6 de Julho, onde se realizou a Conferência

Uma enorme identidade de pontos de vista apresenta-se como sendo o balanço principal da cimeira dos Chefes de Estado de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe que se realizou entre 21 e 22 de Setembro na Praia, a capital cabo-verdiana.

Terá isso significado uma mera acção de aprovação dos documentos elaborados pelos respectivos ministros, cuja reunião antecedeu a cimeira?

A verdade é que os debates, tanto no encontro preparatório como na cimeira, foram longos e profundos o que permitiu um aprofundamento real das concepções comuns que unem os cinco países sem que se deixasse de respeitar as peculiaridades próprias de cada um.

Balanço significativo, portanto. Particularmente numa conjuntura internacional marcada por uma crescente agressividade imperialista e por uma crise da organização a que pertencem os «cinco».

O alcance desta reunião é ainda marcado pela efectivação de uma base de cooperação económica cujo passo decisivo poderá ser dado pela aplicação das decisões até que, em Bissau, no próximo ano, se realize um novo encontro (o quarto) dos Chefes de Estado.

Luanda é a primeira escala da viagem que levará o Presidente Samora Machel e comitiva a terras de Cabo Verde onde se vai realizar a terceira Conferência dos Chefes de Estado.

As duas outras tinham sido reali-

zadas em Angola e Moçambique e esta estava prevista para Bissau não fossem os acontecimentos que levaram a uma rotura das relações entre Cabo Verde e a Guiné-Bissau, que se reconciliaram em Junho deste ano em Maputo.

Passada a noite na capital angolana, o avião que transporta a comitiva terá ainda de escalar Accra, a capital do Gana, onde o Presidente Samora Machel se avista com um dos líderes mais carismáticos da África Ocidental, Jerry Rawlings.

Ele realizou no princípio deste ano, um segundo golpe de estado, perante a incompetência do partido que havia ganhado as eleições, de parar a corrupção no comércio e o contrabando que grassava no País. É aliás uma operação de combate aos «candongueiros» ganenses que leva ao encerramento das fronteiras no dia em que a delegação moçambicana deveria fazer nova escala no regresso a Maputo.

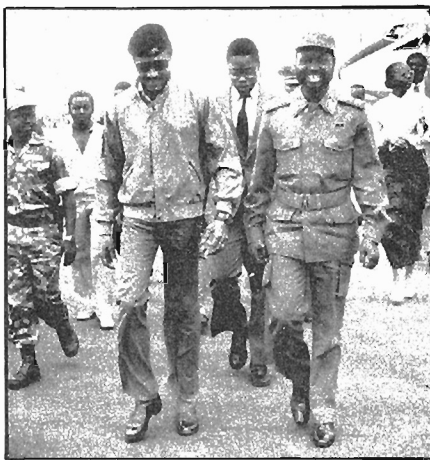
Rawlings abraça efusivamente o Presidente Samora Machel (é conhecida a sua admiração por Moçambique) com quem dialoga durante pouco mais de uma hora, trocando experiências sobre a luta contra os inimigos das duas revoluções.

Antes da partida de Accra, o Presidente Samora Machel recebe a informação ganense tendo feito uma declaração sobre os objectivos da reunião em Cabo Verde. O Chefe do Estado moçambicano fala da luta comum dos «cinco» e afirma: **E nós, quando fizemos a nossa luta, já estávamos a lutar pela Independência política, social, cultural e sobretudo económica. Quer dizer, para que o africano tenha uma nova dimensão do problema da libertação é necessário que haja também a descolonização mental, o corte umbilical com a antiga metrópole.**

Três horas depois, o avião presidencial chegava à Ilha do Sal. Um calor tórrido (na ilha não chove há vários anos) esperava a delegação sem que tivesse impedido a população da ilha de estar no aeroporto a dar as boas-vindas aos Chefes de Estado.

Finalmente, num avião das linhas Aéreas de Cabo Verde, voámos até Praia. Para a delegação moçambicana (o Presidente Samora Machel é o decano dos cinco Presidentes) destinou-se a casa de hóspedes presidenciais, enquanto a restante delegação (bem como os Chefes de Estado e respectivas delegações dos outros países) ficavam nas recém-cons-

truídas e belas instalações do novo hotel da cidade. No restaurante do hotel começaram desde essa manhã a desfilar durante horas intermináveis, vários membros das diferentes delegações. Os empregados do hotel (com uma excelente comida e bebidas diversas — Cabo Verde tem relativamente poucos problemas de abastecimento fruto de uma situação equilibrada da balança de pagamentos dado o facto de a diáspora cabo-verdiana constituir cerca de metade da população há já vários



Em Accra, a capital do Gana, onde o avião presidencial fez escala, o Presidente Samora Machel avistou-se com o seu homólogo, Jerry Rawlings



«As ingerências e as agressões, assim como a política do facto consumado estão em vias de se tornarem práticas de Estado que suplantam o direito» — disse Aristides Pereira no discurso de abertura

anos) chegavam quase a arrastar os pés perante uma avalanche de pessoas que embatia com a tranquilidade, poucas vezes abalada, em que se vive na Ilha.

A reunião preparatória não tinha ainda terminado e os ministros viriam de novo a reunir-se nessa noite para a finalização da discussão sobre o relatório a apresentar aos Chefes de Estado.

A agenda, embora subscrita a duas áreas essenciais — a situação internacional e a cooperação — era enorme e as comissões continuaram a trabalhar até ao final do encontro.

No dia seguinte, pelas 10 da manhã começaria a cimeira. Diplomatas, membros do governo cabo-verdiano, jornalistas, começaram a chegar ao local. O Parque 6 de Julho é, em horas de vivência normal, um parque de diver-

sões que inclui um parque infantil, bar-restaurante, campos de jogos e está em condições de realizar sessões de cinema ao ar livre, bem como festivais culturais, etc. Tem um edifício fechado de cobertura em palha cujo interior tem condições para a realização de encontros e conferências como a que se realizou.

Coube a Aristides Pereira, perante uma audiência que enchia por completo a sala, proferir o discurso de abertura durante o qual salientou a unidade existente entre os cinco países e se debruçou sobre os pontos principais da agenda de trabalhos do encontro. Sobre a situação internacional, o Chefe do Estado cabo-verdiano indicou que: **As ingerências e agressões, assim como a política de facto consumada estão em vias de se tornarem práticas de Estado que**

suplantam o Direito e assiste-se no Terceiro Mundo a um irromper de conflitos armados, ao agravamento ou à cristalização de situações de crise que vêm testemunhar a erosão progressiva do desanuiamento e a exacerbação das contradições que atravessam o mundo contemporâneo.

Aristides Pereira falou ainda da cooperação, da reconciliação entre Praia e Bissau (Devo aqui sublinhar o papel importante desempenhado por Samora Machel...) e ainda da situação do seu País onde existe uma situação económica difícil agravada pela seca e ainda pelas catástrofes naturais como a que devastou recentemente a Ilha da Brava causando sobretudo prejuízos materiais enormes ainda não completamente avaliados. A intervenção do Chefe do Estado cabo-verdiano era no sentido de explicar aos presentes as possíveis falhas no acolhimento dos hóspedes, mas salvo alguns problemas ficou claro que os cabo-verdianos não pouparam esforços para que tudo corresse pelo melhor.

A resposta ao discurso inaugural veio a caber ao Presidente Samora Machel, anfitrião do anterior encontro dos cinco Chefes de Estado.

O Presidente moçambicano fez uma detalhada exposição sobre a situação na África Austral e sobre a cooperação entre os «cinco» da qual a informação nacional já publicou os extractos mais significativos.

O ponto dois da agenda de trabalhos decorreu ainda em sessão pública: Tratava-se da eleição do Presidente da cimeira cuja proposta moçambicana de ser o Chefe

do Estado cabo-verdiano, foi aceite por aclamação.

A partir daí, o encontro decorreu à porta fechada tendo os Chefes de Estado realizado duas sessões de trabalho que se prolongaram por um total de mais de seis horas.

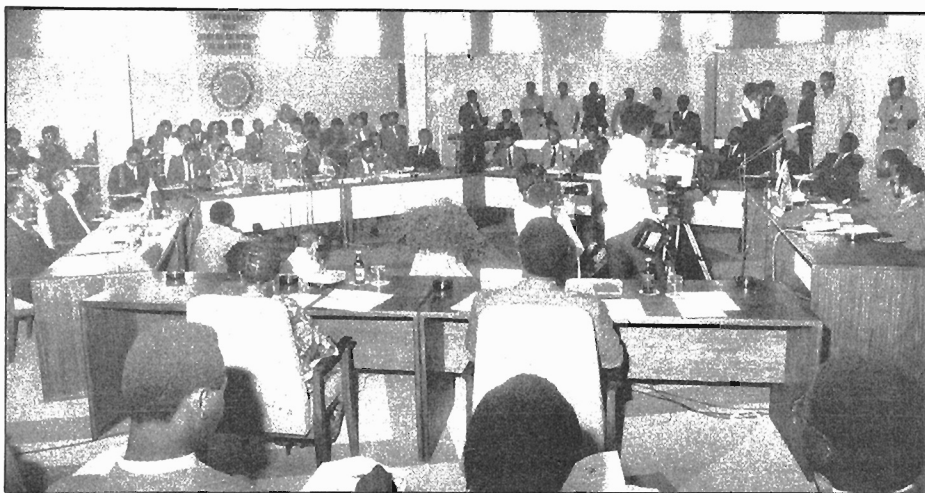
De acordo com a declaração final, os Chefes de Estado discutiram a situação actual de cada um dos países, o balanço da cooperação económica, o reforço da cooperação política e diplomática, a análise da situação internacional e a continuidade da Conferência.

Alguns observadores diziam que a Conferência deveria terminar nessa mesma tarde. Na realidade ela continuou na manhã seguinte com uma sessão de trabalho que durou cerca de três horas até que o corpo diplomático, jornalistas e outros membros do Governo cabo-verdiano fossem de novo chamados à sala de sessões.

Sabe-se que os Chefes de Estado fizeram prolongadas intervenções nas quais falaram como o imperalismo e certos centros internacionais tentam desestabilizar o processo revolucionário. Fontes afectas à Conferência indicaram que a intervenção do Presidente Samora Machel neste sentido foi assaz significativa.

Dia 22, já em plena tarde, vai-se realizar a última sessão, em que o Ministro cabo-verdiano dos Negócios Estrangeiros, Silvino da Luz leu o comunicado final (ver caixa).

Desta feita coube ao Presidente são-tomense proferir o discurso de



Aspecto geral do encontro

análise à declaração final no qual o Presidente Manuel Pinto da Costa salientou a identidade de pontos de vista face aos diversos problemas sobre os quais os Chefes de Estado se pronunciaram.

Finalmente, Aristides Pereira, ao dar por terminada a cimeira prometeu o seu engajamento na aplicação das decisões ali tomadas.

A tarde do dia 22 foi de «descanso» sem que se tivesse deixado de trabalhar para a elaboração dos documentos finais e sua distribuição aos participantes. Os Chefes de Estado realizaram uma visita a uma montanha da Ilha de São Tiago, enquanto na capital, o Ministro moçambicano da Informação, José Luís Cabaço assinava com o Secretário de Estado cabo-verdiano Corsino Fortes, um acordo no domínio da comunicação social.

No hotel, jornalistas, diplomatas, outros membros da delegação apresentavam-se satisfeitos com os resultados obtidos nas inúmeras conversas «of record» que se realizaram.

O protocolo cabo-verdiano tinha organizado uma pequena festa de confraternização para as delegações que puderam, nessa noite, ter finalmente um pouco de descanso real.

A Cimeira da Praia tinha-se mostrado à altura das expectativas e ultrapassado mesmo algumas. Se ela manifestou uma completa identidade de pontos de vista mesmo em pontos delicados como a denúncia a **certos países com que os seus estados mantêm relações normais e de amizade** permitirem que sirvam de base de apoio para acções subversivas (referência a Portugal?) tal foi o resultado da profundidade das discussões que se estabeleceram tanto ao nível ministerial como dos Chefes de Estado.

A criação de mecanismos concretos para a materialização da cooperação permite encarar com certo optimismo que, na próxima cimeira em Bissau, haja já material abundante tanto de reacções bilaterais como multilaterais para ser discutido e analisado. Praia concluiu uma primeira fase da trajectória de um destino comum destes cinco países: Preparou-lhes o futuro, ao cimentar a sua unidade.



A delegação moçambicana